

ENTREVISTA - PEDRO DEMO

INTERVIEW - PEDRO DEMO

Renan Antônio da Silva 1

Pedro Demo, possui graduação em Filosofia - Bom Jesus (1963) e doutorado em Sociologia - Universität Des Serandes/Alemanha (1971). Professor titular aposentado da Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia. Professor Emérito. Fez pós-doutorado na UCLA/Los Angeles (1999-2000). Tem experiência na área de Política Social, com ênfase em Sociologia da Educação e Pobreza Política. Trabalha com Metodologia Científica, no contexto da Teoria Crítica e Pesquisa Qualitativa. Pesquisa principalmente a questão da aprendizagem nas escolas públicas, por conta dos desafios da cidadania popular. Publicou mais de 90 livros.

1- Vamos iniciar nossa entrevista pedindo que o doutor conte um pouco da sua trajetória profissional-acadêmica e quando surgiu o interesse pela docência?

Estudei sociologia na Universidade de Saarbuecken (Alemanha), de 1967-1971. Defendi tese de doutorado em 1971, sobre Marcuse e Freyer, tese com nota máxima, premiada e publicada em 1973 em Anton Hain Verlag (Herrschaft und Geschichte: Zur politischen Gesellschaftstheorie Freyers und Marcuses – Dominação e História – Para uma teoria social política de Freyer e Marcuse). Chamou-me a atenção sobremaneira como era a formação do estudante, tipicamente baseada em pesquisa e produção própria, sem aula. Sociólogo é quem sabe produzir sociologia como autor, não quem tem diploma, fez algum curso ou dá aula de sociologia. Pesquisa era atividade inerente do estudo, puxando pela autoria do aluno, avaliado por sua autoria, não por prova. Caiu-me a ficha sobre o que é “aprender”, depois de ver-me perdido no curso. Daí vem o gosto pela docência, não mais voltada para transmitir conteúdo, mas para cuidar da autoria do estudante.

2- A nossa legislação é forte o suficiente para garantir o direito de todos ao ensino?

Um dos problemas mais agudos de nosso sistema educacional é ser “um sistema de ensino”, não de aprendizagem. Ensino existe fartamente na escola e na universidade – aula todo dia. A aprendizagem é muito reduzida, em certos casos muito falha, como em matemática (apenas 9% dos estudantes aprenderam em 2017 no ensino médio, na média nacional; no último Enem apenas 53 estudantes tiveram nota máxima em redação – ninguém sabe redigir). A tentativa de alargar o acesso à educação superior para todos é importante, no caso nem tanto porque o mercado pede, mas porque é direito de formar-se em nível sempre mais elevado. A grande questão é que grande parte dos cursos não vale a pena, não só porque pode propor uma competência profissional que não gera salário para pagar a dívida enquanto estudante, quanto porque não oferece nenhuma “aprendizagem transformadora”. É totalmente burocrática ou bancária. No último Enade, cursos online ficaram à frente dos presenciais, para espanto das universidades públicas (sobretudo federais). Em parte, a vantagem dos cursos online é devida a um problema de sobrevivência nos cursos: muitos se matriculam, esperando facilidades; se estas não vierem, se tiverem de se desempenhar minimamente, vão saindo; sobram uns 25%, que, sendo mais adultos e tendo algum interesse em estudar, se desempenham melhor. Em parte, o problema é que ser melhor que cursos presenciais não é nenhuma vantagem, porque também são péssimos.

Ocorre com o alargamento do direito de aprender em nível superior o que sempre foi regra no país: quando universalizamos um direito, nivelamos por baixo.

3- Professor, o senhor é referência Nacional em pesquisas. Portanto, quais são as dificuldades que um pesquisador enfrenta nessa área. Quais são os caminhos que o pesquisador pode percorrer?

Defendo pesquisa tanto como capacidade de produzir conhecimento próprio, metodologicamente adequado, quanto como abordagem pedagógica: para aprender como autor. Um primeiro desafio é trabalhar adequadamente “educação científica”, ou seja, saber lidar com ciência (em alguns países, isto começa no pré-escolar, como queria Papert), com postura crítica e autocrítica, sabendo manejar instrumentos de pesquisa adequadamente. Hoje acrescentamos à educação científica a educação socioemocional, porque reconhecemos que é preciso trabalhar o ser humano por inteiro, não só a racionalidade ou intelectualidade. Na graduação não existe esta preocupação, porque os cursos são “instrucionistas” rasos (absorver conteúdos curriculares). A rigor, pesquisa começa apenas no mestrado (o profissionalizante, nem sempre), quando deveria ser atividade estratégica em todos os níveis, desde o pré-escolar. Na escola, muitos professores falam de “educar pela pesquisa”, mas, não sabendo pesquisar, não tendo autoria, é da boca para fora.

Hoje, com os avanços da analítica digital, saber pesquisar é competência básica inarredável, que exige trabalhar com estatísticas, métricas sociais, pesquisa quantitativa e qualitativa, em termos de saber analisar situações complexas da sociedade. Por isso, a graduação deveria ser completamente revista, porque não prepara um autor, cientista, pesquisador.

4- O senhor vislumbra a educação do futuro de alguma forma?

Educação está se tornando uma indústria enorme global, porque é reconhecida como alavanca substancial da competitividade e produtividade. Esta percepção levou a Ásia a se apossar do PISA (em 2018, o primeiro lugar ficou com 4 províncias chinesas, e Singapura), mas no contexto “instrucionista” (domínio de conteúdos), não “formativo”. Assusta esta evolução da educação, porque é uma fábrica de cima para baixo, de fora para dentro, manipuladora ao extremo, que submete educação aos trâmites do mercado sem pudor. Mercado sempre é referência importante, porque educação é parte também da sobrevivência das pessoas. Mas é importante que seja, igualmente, parte crucial de sua qualidade de vida. Asiáticos não gostam de formação socioemocional, a não ser funcionalizada para a competitividade/produtividade, não cuidam dos estudantes para lhes garantir o direito de aprender (tratam duramente). Seria fundamental repor o direito de aprender, não apenas de lidar com conteúdos profissionais dos quais não temos autoria nenhuma.

Diante da pressão neoliberal da educação como indústria primordial de competências funcionais, cumpre lembrar que, sem perder o mercado de vista nunca, a vida é um desafio maior, requerendo habilidades autorais para que seja viável uma qualidade de vida com sentido próprio e social.

Recebido em 20 de fevereiro de 2020.
Aceito em 26 de fevereiro de 2020.